

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

EXPERÊNCIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS DOS TRABALHADORES CHILENOS:
o onze de setembro nos cordones industriales¹

INDIVIDUAL AND COLLECTIVE EXPERIENCE OF CHILEAN WORKERS:
the eleven in september cordones industriales

EXPERIENCIAS INDIVIDUALES Y COLECTIVAS DE LOS TRABAJADORES CHILENOS: el once de septiembre en los cordones industriales.

ELISA DE CAMPOS BORGES

Doutora em História Social

Professora da Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

Diamantina / MG, Brasil

elisaborgesuniv@gmail.com

elisa.borges@ufvjm.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar as experiências particulares de trabalhadores chilenos que atuavam nos Cordones Industriales no dia do golpe no Chile. No final do ano de 1972 setores contrários ao governo popular anunciavam a existência de grupos armados formados por trabalhadores e militantes políticos nos Cordones Industriales. No entanto, pouco se viu no dia do golpe uma resistência organizada por parte dos trabalhadores, desmistificando a existência de um “braço” armado do governo.

Palavras chave: Cordones Industriales. Trabalhadores chilenos. Golpe militar. Resistência.

Abstract: This article aims to present the particular experiences of Chilean workers in Cordones Industriales the day of the coup in Chile. At the end of 1972 sectors contrary to popular government announced the existence of armed groups formed by workers and political activists in Cordones Industriales. However, little is seen on the day of the coup organized resistance by workers, demystifying the idea of organizing an "arm" armed government.

Keywords: Cordones Industriales. Chilean workers. Military coup. Resistance.

Resumen: Se presenta como objetivo las experiencias particulares de los trabajadores chilenos que actuaban en los Cordones Industriales, día del golpe en Chile. En finales del año 1972 sectores adversos al gobierno popular anunciaban la existencia de grupos armados, formados por trabajadores y militantes políticos en Cordones Industriales. Sin embargo, poco fue visto el día del golpe: una resistencia organizada por parte de los trabajadores y militantes políticos en Chile, desmitificando la existencia de un brazo armado del gobierno.

Palabras clave: Cordones Industriales. Trabajadores chilenos.

A eleição do socialista Salvador Allende, em 1970, para presidência do Chile, significou a vitória inicial de um projeto que propunha abrir caminho para a implantação do socialismo no país. Apresentava a proposta da “via chilena ao socialismo”, caracterizada por sua natureza anti-imperialista, anti-oligárquica e anti-monopólica. Para as classes mais baixas,

¹ Artigo submetido à avaliação em 11/08/2013 e aprovado para publicação em 10/10 /2013.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

a vitória eleitoral da Unidade Popular representou a expectativa de uma sociedade mais igualitária. Ao mesmo tempo, ocasionou a inovação e a radicalização dos setores sociais em ações pró ou contra o novo governo.

Em outubro de 1972, a greve deflagrada por sindicatos patronais paralisou a produção e distribuição de diversos produtos no país. Trabalhadores e sindicatos destas regiões, que apoiavam o governo, unem-se e ocupam as indústrias paralisadas para dar continuidade à produção, organizar um sistema de transporte e de distribuição alternativos com o intuito de diminuir o impacto da greve, sobretudo nos setores populacionais mais carentes. A partir desta experiência, os sindicatos, por meio dos *Cordones Industriales*, continuaram a mobilizar e integrar os trabalhadores das indústrias de ramos produtivas distintas, e, mesmo após o fim da paralisação, prosseguiram com suas atividades, pressionando a adoção de medidas mais incisivas contra os setores divergentes do governo.

As polarizações existentes no período da Unidade Popular conjuntamente com as propostas inovadoras de inclusão e participação dos trabalhadores no sistema produtivo agiram como uma espécie de catalisador de novas formas de atuação política e cultural, dentre elas, a organização dos trabalhadores nos *Cordones Industriales*. Estes são assim denominados pela concentração em determinadas regiões chilenas, em especial na capital Santiago, de uma série de indústrias de distintas ramos produtivas, formando territorialmente um cordão industrial. Entretanto, sua novidade está relacionada à territorialização e à integração das demandas dos trabalhadores das diversas indústrias do Cordón com as demandas da população dos bairros próximos, por meio da atuação dos sindicatos e dos partidos políticos. Estes bairros, geralmente carentes de políticas públicas, abrigavam uma população de baixo poder aquisitivo, além dos próprios operários.

A organização *Cordones Industriales* está intrinsecamente relacionada com a tradição sindical dos trabalhadores chilenos. Essa tradição constituiu-se desde o final do século XIX, com as chamadas *mancomunales*, transformou-se e adaptou-se de acordo com as mudanças do mundo do trabalho, com as necessidades dos trabalhadores e com as circunstâncias políticas do país. Conjugada às novas experiências proporcionadas pelo projeto do governo popular que designou aos trabalhadores o papel de sujeitos centrais da via chilena ao socialismo, os *Cordones Industriales* podem ser vistos como mais uma inovação da tradição sindical chilena.

A eleição de Allende representou um paradigma para os movimentos populares, sobretudo para o movimento sindical, no sentido de estabelecer como atuariam em um

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

processo que abriria caminho para a transição ao socialismo, por meio do qual os interesses nacionais e privados estariam representados nos meios de produção e nas instituições políticas e jurídicas do Estado.

Os Cordones Industriales se multiplicaram a partir da greve patronal de outubro de 1972 e passam a ter uma dimensão importante. Além de estabelecer formas alternativas de produção e venda de produtos diretamente das fábricas para população, passam a pressionar o governo da UP a tomar posições menos conciliatória com o centro político, representado pela Democracia Cristã. A atuação dos Cordones, a partir de novembro de 1972 esteve diretamente ligada à linha política do Partido Socialista, principalmente de seu presidente, Carlos Altamirano.

Os Cordones Industriales adotaram uma postura crítica em relação ao governo popular. Suas palavras de ordem mesclavam-se aos atores políticos mais radicais do período. Geralmente clamavam pela construção do poder popular, pela não negociação com o centro político, a Democracia Cristã, etc. Por este tom nos discursos, despertaram o imaginário dos atores políticos chilenos, chegando a ser caracterizado pela direita como o braço armado do governo, mesmo sem terem armamento.

Neste artigo, analisaremos, a partir de relatos de participantes dos Cordones Industriales, o dia do golpe no país em algumas indústrias. Interessante pontuar, que, as Forças Armadas dentro do planejamento geral do golpe, reservou uma atenção importante para os Cordones Industriales por achar que ali estava concentrado o poder armado de resistência do governo popular.

Partidos, militares e ativistas dos Cordones Industriales

A situação política no Chile após a primeira tentativa de golpe em junho de 1973 tornou-se cada vez mais difícil. Setores das FFAA e a direita do país apontavam para a existência de armas nas indústrias, “poblaciones” e sedes políticas dos partidos da UP.

O vigor das ações militares nos Cordones Industriales, durante os meses de agosto e início de setembro, sob pretexto de cumprir a Lei de Controle de Armas e Explosivos, esteve relacionado diretamente com a preparação do golpe militar, que aconteceria no dia 11 de setembro de 1973.²

² Joan Garcés, que foi assessor direto do presidente Allende, afirmou que chegou ao conhecimento do presidente Allende um relatório sobre as ações em busca de armas realizadas pela FACH na indústria Sumar. O relatório

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

Os Cordones Industriales tornaram-se um dos principais alvos dos conspiradores, que, para além de apreender armas, precisavam obter mais informações sobre o aparato militar desses “*cuerpos armados*”. A CIA, segundo os seus documentos internos desclassificados, considerava a iniciativa um “plano anti-insurgência” que tinha como função combater as possíveis bases de resistência ao golpe de estado.³ A violência com que o exército averiguava a existência de armas nos espaços das indústrias chamava atenção da esquerda e causava inúmeros protestos dos sindicatos, CUT e Cordones Industriales.

O argumento mais utilizado pelo exército para combater os Cordones estará relacionado não a politização dos setores populares, mas a uma possível escalada armamentista.

O fato é que a possibilidade de reação militar ao golpe de estado, por parte dos Cordones Industriales, era extremamente difícil, uma vez que nos anos anteriores as iniciativas de preparação foram muito improvisadas e de pequeno vulto. Como afirma Cancino, nem o exército paralelo nem as milícias populares apresentavam materialidade social no contexto da UP.⁴

A decisão de efetivar o golpe militar foi tomada em reunião, em meados de julho de 1973, e se baseou em um estudo do exército sobre o governo, que ficou conhecido como Memorando Secreto. Entre os diversos pontos que constavam nesse documento, estavam algumas importantes constatações dos militares, como a “*excesiva politización del sector laboral en todos sus niveles, se ha traducido en indisciplina laboral y deterioro del principio de autoridad, lo que agudiza la crisis de la producción*”. Ainda afirmavam que era “*evidente la existencia de organizaciones y grupos armados paramilitares y extremistas que agravan la situación interna con actos de violencia claramente ilegales. La cuantía de los armamentos en poder de los grupos sería significativa*”.⁵ Em outras palavras, o documento já delineava parte da estratégia dos setores golpistas em promover um verdadeiro cerco aos principais Cordones e às maiores indústrias estatizadas.

Dando materialidade ao Memorando Secreto, para o dia do golpe, os militares conceberam um plano especial para os principais Cordones: o cerco ao Cordón Industrial

continha detalhes sobre a ação e mostrava que os militares roubaram dinheiro da empresa e objetos pessoais dos próprios trabalhadores. Cf. GARCÉS, Joan. *Allende y la experiencia chilena: las armas de la política*. Santiago: BAT, 1991. p. 364.

³ GONZÁLEZ, Mónica. *Chile: la conjura – los mil y un días del golpe*. Santiago: Ediciones B, 2000. p. 197.

⁴ TRONCOSO, Hugo Cancino. *Chile: la problemática del poder popular en el proceso de la vía chilena al socialismo – 1970-1973*. Bélgica: Ed. AARHUS; University Press, 1988. p. 382.

⁵ Memorandum – 1º de julho de 1973, Santiago (Estrictamente Secreto). GONZÁLEZ, op. cit., p. 501.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

Vicuña Mackenna estaria a cargo da Escola de Infantaria; a zona territorial de Maipú e o Cordón Industrial Cerrillos seriam o Regimento de Maipo, que após cumprir a missão deveria se dirigir ao centro de Santiago. A região do La Moneda, por sua vez, seria executada pela escola de suboficiais e do regimento de Tacna.⁶

Patrício Quiroga também explicitou a organização das forças militares para diminuir ou isolar possíveis reações contra o golpe:

[...] La primera maniobra de las Fuerzas Armadas en Santiago fue el aislamiento de la periferia del centro... La Moneda representaba el símbolo del poder político, de manera que era imprescindible su toma... El primer anillo abarcó las calles Alameda, Agustinas, Moneda y Bulnes, operando el Blindado n° 2 Maturana, los regimientos Buin, Tacna y Escuelas de Suboficiales y Militar. El segundo anillo presionó sobre la periferia de la ciudad a cargo de los regimientos de fuera de la capital: Yungay, Guardia Vieja y las Escuelas de Caballería y de Montaña. Su misión era inmovilizar los Cordones Industriales, impedir la conexión entre la resistencia de La Moneda y la masa popular y luego atrapar entre dos fuegos toda posible resistencia. Los barrios fueron cortados entre sí a partir del control logrado sobre las principales vías: Av. Matta-Vicuña Mackenna, San Joaquín-Gran Avenida, Alameda-Pajaritos.⁷

Portanto, os militares estavam prevenindo meticulosamente qualquer tipo de reação dos populares organizados nos principais Cordones, como Vicuña Mackenna, San Joaquín e Cerrillos. Mas, de fato, eram esses Cordones que, mesmo de forma insuficiente, desenvolveram treinamentos militares ou de autodefesa.

Apesar de todo o aparato para cercar os Cordones Industriales, muitos trabalhadores e sindicalistas afirmaram, em seus relatos sobre o dia 11, que no início da manhã, ao saírem de casa para trabalhar, notaram apenas um número maior de militares circulando próximo a algumas fábricas, mas pensaram estar diante de mais uma ação do exército para fazer cumprir a Lei Maldita (Lei de Controle de Armas e Explosivos).

Ao contrário, o interventor de Cristalería de Chile, o comunista Alberto Muñoz,⁸ afirmou que ao percorrer o caminho de casa até a fábrica estranhou a presença de tanques de guerra nas ruas de Santiago. Ao chegar à indústria, imediatamente Muñoz entrou em contato com a CUT, com o PC e com a Corfo, que declararam não ter conhecimento de nenhum fato alarmante e ainda afirmaram que todos os dias chegavam denúncias como essas; portanto, deveria ser “*una más*”. Era difícil acreditar na materialização do golpe e no rompimento total

⁶ GONZÁLEZ, op. cit., p. 323.

⁷ Citado por SOTO, Sandra Castillo. *Cordones industriales*. Nuevas formas de sociabilidad obrera y organización política popular (Chile, 1970-1973). Santiago: Ediciones Escaparate, 2009. p. 302.

⁸ Alberto Muñoz, comunista, interventor da Cristalería de Chile – Planta Padre Hurtado, Cordón Cerrillos. Entrevista realizada pela autora: 30 out. 2009.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

das FFAA com o sistema democrático chileno. Alguns militantes, inclusive depois de presos, pensaram que o golpe duraria poucos dias, até os militares convocarem uma nova eleição. Não imaginavam que enfrentariam dezessete anos de ditadura militar.⁹

Enquanto alguns sindicalistas buscavam informações do que ocorria, o aparato militar do PS havia recebido uma ordem para começar a atuar ainda pela manhã. A reunião da direção desses militantes ocorreu paralelamente à reunião da Coordenação da Comissão Política dos Socialistas na indústria Fensa (produzia linha branca), em Maipú. A decisão das reuniões era recolher as armas dos depósitos secretos e levá-las até o estádio/parque Cormu, onde estariam os militantes do Partido Socialista. Após essa parte inicial do plano, os militantes se deslocariam para a empresa Indumet a fim de coordenar ações entre os Cordones Industriales de San Joaquín, Santa Rosa e Vicuña Mackenna.¹⁰

No caso do PC, a orientação geral aos comunistas, em caso de situações de golpe de estado, era para se dirigir aos postos de trabalho e aos centros de estudo. A Comissão Política se reuniu no início da manhã do dia 11 e, dentre as decisões tomadas, estava a não-resistência armada ou “mais ativa” em função da dimensão do golpe e do despreparo da maioria dos militantes comunistas. Resistir significaria a morte de muitos militantes e trabalhadores visivelmente em desvantagem em relação às FFAA.¹¹ No entanto, em muitas fábricas os comunistas de base permaneceram nos seus postos de trabalho com a disposição para enfrentar o golpe, mesmo desarmados.

No dia do golpe, o MIR deu instruções para as direções “*y fuerza*” ordenarem a implementação de uma ofensiva geral. A decisão era enfrentar os militares, mas, concretamente, havia muitas dificuldades, principalmente em relação ao traslado do armamento dos dispersos depósitos até os focos de resistência, no ânimo das “massas” que estavam desconfiadas e desconcertadas, na falta de experiência de combate, dentre outros.¹²

Mesmo com a decisão do PC, a CUT, ainda no início da manhã, orientava os sindicatos a seguirem as instruções aprovadas no seu Conselho Deliberativo dias antes do golpe, transmitidas por meio de sinais de rádio:

⁹ GARCÉS, Mario; LEIVA, Sebastián. *El golpe en la Legua*. Los caminos de la historia y la memoria. Santiago: LOM, 2005. p. 120.

¹⁰ GARCÉS; LEIVA, op. cit., p. 38- 39.

¹¹ ALVAREZ, Rolando. *Desde las Sombras*. Una historia de la clandestinidad comunista (1973-1980). Santiago: LOM, p. 70.

¹² NARANJO et al. La Tática del MIR en el Actual Período. In: *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del MIR. Santiago: LOM, p. 293.

El Consejo Directivo Nacional de la Central Única de Trabajadores instruye a los trabajadores de todo el país: Primero, ocupación inmediata de todos los centros de trabajo, fábricas, industrias, empresas, servicios, predios agrícolas, etc. Segundo, organizar en las fábricas la resistencia de los trabajadores tomando las medidas de movilización para cuando sean requeridos por la Central Única [...] ¹³

Apesar do comunicado, a CUT, os partidos de esquerda e o próprio presidente Allende ainda não tinham a dimensão exata da força das ações golpistas, e nem quem estava na sua coordenação. De alguma maneira, ainda apostavam em uma contra-reação dos militares legalistas. Segundo os depoimentos obtidos, mesmo tendo acesso às rádios que transmitiam comunicados do presidente Allende, foi apenas no momento do primeiro bombardeio ao La Moneda, em que foi possível ver uma nuvem de fumaça de várias partes de Santiago, que de fato perceberam a dimensão do golpe militar.

Experiências particulares no dia do Golpe

O presidente do Cordón Cerrillos, Hernán Ortega, afirmou que os Cordones não organizaram um plano de defesa armada em função das poucas iniciativas de preparação paramilitar, que não contou com o apoio de todos os partidos. Segundo ele, os trabalhadores pensavam que as Forças Armadas não participariam de um golpe; por isso, a estratégia utilizada até o dia 11 de setembro era a de bloquear o acesso dos golpistas nas indústrias e nas “poblaciones”. Com as ações violentas dos militares nos meses de julho a agosto nos Cordones Industriales, principalmente nos meses de agosto e setembro os trabalhadores passaram a sentir necessidade de pensar uma resistência armada concreta, mas já era tarde demais. ¹⁴ No entanto, mesmo que tivesse ocorrido uma preparação, jamais poderiam imaginar que o golpe seria tão violento, que se bombardeariam a sede política do governo, as indústrias etc. Em outras palavras, os Cordones nunca pensaram em se preparar para uma guerra.

Corroborando as questões colocadas por Ortega, o depoimento de Carmem Silva a Miguel Silva aponta que a direção da Coordenadora dos Cordones já havia decidido, antecipadamente, que em caso de golpe não haveria resistência nas indústrias, talvez como uma atitude consequente frente ao despreparo:

¹³ GARCÉS; LEIVA, op. cit., p. 119.

¹⁴ GAUDICHAUD, Franck. *Poder Popular y Cordones Industriales*. Testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973. Santiago: LOM, p. 199.

Yo fui enviada por la asamblea y por (Armando) Cruces, el viernes antes del golpe, a una reunión en Luchetti donde estaba toda la dirigencia de la UP reunida. Cruces me dijo según el análisis que habíamos hecho la carta de la Coordinadora a Allende... que viene el golpe y que habría que advertir a la gente que no venga al cordón y que se guarden para la resistencia porque aquí habría una matanza, porque ya se decidió que no defender las industrias.¹⁵

No Cordón Macul, segundo Tomás Inostroza, não houve preparação militar. O PS chegou a fazer uma pesquisa para saber quantos operários sabiam atirar, quantos tinham armas, mas efetivamente nunca chegou a organizar nenhum aparato militar no Cordón. No dia do golpe, quarenta pessoas permaneceram na indústria Continental com poucas armas, em posição de defesa, aguardando os acontecimentos e a articulação de uma possível resistência. Mas as armas prometidas pelas direções dos partidos nunca chegaram.¹⁶

Aldo Aguillar¹⁷ afirmou, em entrevista, que não houve preparação militar efetiva nos Cordones, porém ponderou que muitos trabalhadores tinham um treinamento mínimo porque haviam se alistado no Serviço Militar obrigatório para jovens de dezoito anos. Aguillar diz que após o Tanquetazo houve a iniciativa, por parte de alguns partidos, em organizar um grupo de trabalhadores em outros pequenos grupos, para preparar um sistema de defesa, que não se efetivou, em função das ações do exército para desarmar os setores industriais. Guillermo Orrego, trabalhador do mesmo Cordón, também concorda que o treinamento militar foi ínfimo, principalmente porque os militantes estavam preocupados em organizar a área de produção e garantir a democracia interna na indústria.¹⁸ Diferentemente das duas experiências anteriores, Joaquín Abarzúa Leon conta que, depois do Tanquetazo, em Sumar, apesar da pouca estrutura, houve preparação militar específica para combate na cidade, com a coordenação de militantes socialistas.

Neste sentido, entendemos que a pouca resistência armada em algumas indústrias, no dia 11 de setembro, foi assumida pelos partidos políticos, e não pela direção dos Cordones, que, apesar do discurso radicalizado, não criou condições efetivas para o enfrentamento armado. Assim, existem evidências que indicam um planejamento mínimo dos partidos políticos e sindicalistas, que chegaram a distribuir algumas armas nas principais indústrias, onde permaneceram muitos militantes políticos. Ao pensar o desenvolvimento do governo Allende, a constituição dos Cordones Industriales, suas pautas políticas e a tradição sindical

¹⁵ SILVA, Miguel. *Los Cordones Industriales y el Socialismo desde Abajo*. Santiago: Imprenta Lizzor, sem data. p. 558.

¹⁶ GAUDICHAUD, op. cit., p. 243-245.

¹⁷ Aldo Aguillar, mirista, Cordón Vicuña Mackenna. Entrevista realizada pela autora em: 4 nov. 2009.

¹⁸ Guillermo Orrego, militante da Juventude Comunista, Cordón Maipú. Entrevista realizada pela autora em: 21 nov. 2009.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

chilena, parece um tanto razoável afirmar que os Cordones Industriales não tinham característica de uma organização militar ou que visassem a uma preparação armada de sua base de trabalhadores. O discurso radicalizado e que ressaltava, principalmente em meados do ano de 1973, a organização de um sistema de defesa não se materializou em uma preparação armada. Entendemos que não era simplesmente pelo fato de serem dirigidos pelos partidos políticos que seriam uma organização militar, tanto que, dos diversos momentos em que se adotou um comando com tal finalidade, não houve êxito. Essa questão, conjugada à convicção de que setores leais das FFAA apoiariam a resistência contra o golpe, pode clarear alguns motivos da não-preparação dos Cordones.

As indústrias que compunham os Cordones Industriales eram em sua maioria apenas o local de trabalho de milhares de operários que conheceram dias de conquistas políticas e socioeconômicas durante o governo da UP; entretanto, não significou que esse apoio se transformasse em uma militância treinada militarmente e capaz de enfrentar o armamento pesado dos militares. Os trabalhadores demonstraram durante todo o governo popular que a sua maior arma em defesa do “*compañero Allende*” eram a consciência política e a disposição em trabalhar e contribuir com o momento histórico.

Segundo depoimentos, também existiam alguns “quadros” políticos na clandestinidade, já desde o início do governo, com o objetivo específico de arregimentar novos militantes para os treinamentos militares. E, num determinado momento, tanto para miristas quanto para socialistas, a preparação armada tornou-se mais importante que a produção nas indústrias, e, inclusive, alguns trabalhadores e sindicalistas passaram a se dedicar exclusivamente ao aparato militar. Porém, afirma-se que tudo era muito elementar, tanto a forma de treinamento como o número de pessoas envolvidas.

O dia 11 de setembro de 1973

Nas fábricas, naquela manhã, a maioria dos sindicatos reuniu os trabalhadores presentes e realizou assembléias nas indústrias, ainda pela manhã, para que os próprios trabalhadores pudessem resolver, individualmente, se permaneceriam para compor uma frente de resistência ou se retornariam a suas casas. Diante da magnitude do golpe e sem uma preparação de autodefesa que pudesse resistir satisfatoriamente aos acontecimentos, a maioria resolveu não permanecer nas indústrias, por medo das consequências do enfrentamento com os militares.

Um exemplo da dificuldade em lidar com aquela situação se expressa no depoimento do presidente do sindicato da indústria Sumar-Poliéster, Hugo Valenzuela, que recorda os momentos tensos que antecederam a assembléia dos trabalhadores. A direção política do sindicato escutava pelo rádio os informes, e então soube do bombardeio do La Moneda. Neste momento, tentaram fazer contato com a CUT para saber como proceder; sem nenhum êxito. As direções dos movimentos populares já não respondiam. Estava claro que organizar um movimento de resistência seria sacrificar muitos trabalhadores que não estavam preparados para um golpe de tamanha magnitude, e, mesmo que estivessem preparados, as armas eram poucas. Então, na assembleia geral do sindicato, transmitiram todas as informações que tinham até o momento, sem omitir a gravidade da situação. Entretanto, Valenzuela afirma que, num ímpeto de juventude, acabou fazendo um discurso, do qual se arrepende até hoje, em que afirmava que os trabalhadores deveriam permanecer na fábrica e lutar até a “última gota de sangue para combater o inimigo”. Muitos trabalhadores ali presentes resolveram continuar na indústria, mesmo sem ter como efetivamente lutar contra os militares. Joaquin Abarzúa foi um dos que ali permaneceu, junto a outros 200 trabalhadores, para defender o governo popular. Em Sumar-Poliéster estavam também os membros da comissão política e do aparato militar do PS e membros da GAP.¹⁹

No caso de Sumar, as armas tão esperadas pelos trabalhadores chegaram escondidas dentro de caminhões, no meio de cargas, conduzido por um socialista. Segundo Valenzuela, eram entre doze e catorze metralhadoras. Os enfrentamentos com militares foram constantes e chegaram, inclusive, a acertar um helicóptero das Forças Armadas que sobrevoava a região pela manhã. O helicóptero levou dezoito tiros e teve que se dirigir à emergência do Grupo nº 10 da Força Aérea. O episódio representou um estímulo psicológico aos resistentes naqueles difíceis momentos que se seguiam.²⁰

Ao perceberem que não tinham condições efetivas de continuar a resistência em Sumar, muitos trabalhadores esperaram a noite para arriscar sair da indústria, enquanto outros permaneceram ali até o dia seguinte, quando começaram a se retirar, em função da possibilidade de bombardeio às “poblaciones” e às indústrias. Joaquín A. Leon afirmou, no entanto, que o ato de deixar a empresa não significou abandonar as ações de resistência, pelo contrário. Havia concretamente outras saídas estabelecidas, dentre elas: juntarem-se aos que

¹⁹ GARCÉS; LEIVA, op. cit., p. 55.

²⁰ *Ibid.*, p. 55.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

resistiam na “población” La Legua, vizinha à indústria, ou aos trabalhadores da empresa Madeco, que também resistiam ao golpe.

Na empresa Indumet a experiência foi distinta por reunir importantes sindicalistas da CUT e dirigentes partidários como Miguel Enríquez e Pascal Allende, da direção do MIR, Victor Díaz e José Oyarce, do PC,²¹ Arnoldo Camú, Exequiel Ponce e Rolando Calderón, todos da Comissão política do PS, além de 200 operários e uma equipe de enfermeiras. Os partidos Comunista, Socialista e MIR improvisaram uma reunião visando definir uma estratégia única de resistência; mais uma vez, houve grande discordância.²² O PS propunha um assalto às unidades militares para obter armas e avançar até o La Moneda para resgatar Salvador Allende. O PC, contrário à proposta, argumentou que esperaria para ver o curso dos acontecimentos e passaria à clandestinidade. Miristas apoiaram a posição do PS, mas necessitavam de algumas horas para convocar a força militar do partido com 400 homens. Patrício Quiroga lembra que, nesta ocasião de discussão sobre as forças militares de cada organização, percebeu que a esquerda unida não tinha força capaz para enfrentar o golpe. Quiroga faz um relato realista de como setores da esquerda tinham sido inconsequentes em se contrapor a linha gradualista do presidente Allende, sem no mínimo se prepararem para a via armada:

[...] un frío recorrió a los presentes. Estupefactos comprobaron la realidad y la irresponsabilidad de aquellos socialistas que habían llamado a la toma del poder. ¿Con qué? Los comunistas, 20 días antes habían señalado que contaban con un 10% de la militancia en armas. Y eran poderosos, porque, según distintos cálculos, no bajaban de 180 mil militantes (JJCC incluida). ¿Del MIR 50 hombres para el despliegue de una estrategia que puso en jaque a la UP?²³

Pouco tempo depois Indumet estava cercada por forças policiais, que iniciaram ataques, apoiados por três tanques de Carabineiros, revidados pelos trabalhadores armados. Mas o fato era que as possibilidades de resistência eram pequenas. Logo depois começou a retirada dos trabalhadores, alguns caíram, outros conseguiram fugir do cerco montado pelo

²¹ O documento do MIR, “La táctica del MIR...”, afirma que o representante do PC era o senador Volodia Teitelboim. Cf. NARANJO, Pedro (Org.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario em Chile: discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria – MIR*. Santiago: LOM, 2004. p. 293.

²² Joan Garcés afirma no livro *Allende e a Experiência Chilena* que esta reunião ocorreu na indústria Sumar, que decidiu pela não-resistência ao golpe. Segundo Garcés, às 11:30h começou a circular a ordem que refletia a impotência dos partidos políticos de esquerda e do movimento popular diante do golpe, resultado das políticas seguidas durante os três anos de governo da UP: a não-adoção de uma política militar consistente e a crença no profissionalismo das FFAA, que para ele já demonstrara contradições no Tanquetazo. Cf. GARCÉS, op. cit., p. 397-398.

²³ GARCÉS; LEIVA, op. cit., p. 40.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

exército e passaram à clandestinidade; um terceiro grupo seguiu para a “población” La Legua e um último grupo chegou à indústria Sumar para se somar à resistência.²⁴

Na indústria Cristalería de Chile, o sindicalista Ismael Ulloa revela que fez contato com dirigentes do Cordón Vicuña Mackenna para saber como iriam se preparar para os acontecimentos, e que até então não se sabia ao certo se era um golpe militar. As armas que dispunham no momento eram garrafas de vidro e bombas bencineras²⁵ utilizadas para preparar bombas molotov. Naquele dia mesmo havia uma equipe de sindicalistas ensinando aos que permaneciam na empresa a utilizá-las. Ao contrário de outros locais, as armas chegaram; no entanto, como não houve preparação militar, dos 400 trabalhadores que ali permaneceram somente quinze sabiam manusear uma arma. O presidente do sindicato. Ismael Ulloa, para evitar o possível massacre, solicitou ao enviado do PS que levasse as armas para outra indústria: *“Si nosotros dejamos entrar las armas y los viejos empiezan a disparar para afuera cuando los milicos lleguen por la noche... nos bombardean con aviones, no sé, con helicópteros, afortunadamente no dejamos entrar las armas”*.²⁶

A experiência da fábrica Histon Chile, do Cordón Vicuña Mackenna, foi muito próxima da vivida por Cristalería de Chile. Após assembleia do sindicato, permaneceram cerca de 300 trabalhadores, estudantes e “pobladores” que se juntaram para uma possível resistência. Com as poucas armas existentes, trataram de ficar ali durante toda a madrugada. Somente no início do dia 12, com a confirmação da morte de Allende, se deram conta do que realmente se passava. Uma nova assembleia foi organizada e ainda permaneceram 150 pessoas. Ao longo da manhã, a indústria foi cercada pelas Forças Armadas, a única opção era apagar qualquer tipo de vestígio que pudesse “comprometer” os companheiros. Foram destruídos nos fornos da empresa armas e todo tipo de papel. Ao meio-dia os militares dispararam contra a indústria, e então todos se entregaram.²⁷

O sindicato da empresa IRT, que pertencia ao Cordón Vicuña Mackenna, era dirigido pela Democracia Cristã. Segundo José Moya Paiva, no dia do golpe somente os militantes e trabalhadores que se identificavam com a esquerda permaneceram na empresa. Eram cerca de quarenta, que o nomearam como o *“generalísimo de los que se quedaron ahí”*. Questionado sobre como iriam defender a empresa, respondeu: *“Puro corazón no más.”* José

²⁴ La Legua era um bairro que ficava próximo ao Cordón Industrial San Joaquín. Ali, estavam localizadas as principais indústrias que esboçaram algum tipo de resistência armada ao golpe, como Indumet e Sumar Poliéster.

²⁵ Segundo dicionário da Academia Real Espanhola, benciera é um líquido incolor volátil e inflamável que geralmente utiliza-se como solvente.

²⁶ Ismael Ulloa, sindicalista, Cordón Vicuña Mackenna. Entrevista realizada pela autora em: 2 nov. 2009.

²⁷ Mario Olivares Ríos, mirista, Cordón Vicuña Mackenna. Entrevista realizada pela autora em: 10 nov. 2009.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

Moya se recorda que a única arma existente era um revólver calibre 22, do guarda da empresa, que havia sido requisitado por ele. Como era o “generalíssimo das tropas no interior da empresa”, andava com o revólver na cintura, mesmo não sabendo atirar. A empresa IRT era uma das únicas que tinham um instrumento chamado “teletipo”, que fazia comunicação via código Morse. Neste dia receberam uma mensagem, que supôs ser da CUT, avisando que receberiam armas para serem distribuídas às empresas do setor. A informação foi repassada a outras indústrias, mas, de fato, as armas nunca chegaram. Como ressalta, todos que permaneceram ali esperavam por um milagre.

Na indústria gráfica em que trabalhava Guido Carvajal, também no Cordón Vicuña Mackenna, não houve qualquer tipo de resistência, já que da empresa era possível avistar os bombardeios ao La Moneda e a violência com que os militares retiravam os trabalhadores da empresa Luchetti (produção de alimentos). Com a ameaça dos militares em atirar na empresa, que estava repleta de solvente (líquido inflamável), os trabalhadores só tiveram tempo para se retirar do local pela porta lateral, porque resistir diante do contexto só iria colocar em arrisco a vida deles.²⁸

No dia do golpe, Mireya Baltra, ex-ministra do trabalho de Allende, esteve percorrendo três indústrias do Cordón Vicuña Mackenna: Luchetti, Comandari e Textil Progreso. Ela recorda que não funcionaram nem os Cordones Industriales, nem a CUT. Ao chegar às indústrias, os trabalhadores que ali estavam a questionavam: “¿y las armas compañera, dónde están?” Ou seja, havia um desejo de resistência que as organizações e os partidos políticos não conseguiram preparar. Hoje, Mireya Baltra reconhece que o PC não foi capaz de criar uma força militar com capacidade de defender os direitos e as conquistas dos trabalhadores, mas ao mesmo tempo se questiona o que se poderia fazer “*diante de una potencia extranjera poderosa que te arrasa...*”,²⁹ fazendo referência ao apoio norte-americano ao golpe. Ao mesmo tempo, a preparação de um “exército popular” desde o início do governo seria a negação do principal preceito da “via chilena ao socialismo”: abrir caminho ao socialismo por uma via não armada.

De fato, os partidos e militantes de esquerda não estavam preparados para enfrentar as FFAA, que de fato contaram com o apoio importante do governo dos EUA. Como analisa Carlos Altamirano, anos depois da experiência: “*El gran error del partido socialista, y mío en consecuencia, fue el haber hecho creer que había un real movimiento*

²⁸ Guido Cavajal, comunista, Cordón Vicuña Mackenna. Entrevista realizada pela autora em: 30 nov. 2009.

²⁹ Mireya Baltra, comunista, ministra do Trabalho, 1972. Entrevista realizada pela autora em: 15 nov. 2009.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

guerrillero, que teníamos fuerzas armadas con capacidad de enfrentar a un sector, por lo menos, del ejército.”³⁰

Neste sentido, Luis Corvalán, presidente do PC, também afirma que a cada ameaça de golpe a esquerda e, inclusive, Allende empregava duros discursos como um jogo político para demonstrar força à direita. Para Corvalán, a não-preparação armada dos comunistas é um “*vacío histórico*” na política do PC. Ao longo da vida do partido foram estabelecidos determinados pensamentos e condutas, para cada setor social; entretanto, faltou uma posição no terreno militar. Ou seja: “*Sólo después de 40 años de existencia del PC empezamos a preocuparnos de este frente, con mayor intensidad y seriedad durante el gobierno de Allende, cuando se hizo claro que había que prepararse para defenderlo en todos los terrenos.*”³¹

No entanto, a preparação armada era uma contradição com o projeto da UP. Neste sentido questionamos a razão pela qual os partidos políticos em suas reflexões pós-golpe afirmam que deveriam ter se preparado para o enfrentamento militar. Esse tipo de questão parece-nos levantar questionamentos hoje sobre a real viabilidade da via chilena. É, portanto, analisar o processo pelo seu fim como se o projeto já tivesse o seu fim anunciado ou como se o processo já tivesse um provável desfecho.

Como constata Marcel Carrasco Valdívia, a experiência chilena mobilizou trabalhadores que não tinham uma posição político-partidária, mas uma visão como trabalhadores, em que os conceitos e a ação se davam no campo do seu instinto de classe. Assim, muitos trabalhadores, acima de tudo, eram Allendistas e “*a Allende lo siguieron hasta lo último y estaban dispuestos a dar la vida y dieron la vida por Allende y jamás fueron socialistas, comunistas o miristas*”.³²

A análise da trajetória e dos propósitos dos trabalhadores nos Cordones Industriales demonstra a inexistência de uma característica militar. Desde a constituição dos Cordones não havia concretamente ações massivas para além dos problemas da estatização das indústrias e dos problemas de distribuição. Toda a preparação ficou restrita basicamente

³⁰ GARCÉS; LEIVA, op. cit., p. 125.

³¹ CORVALÁN, Luis. *De lo Vivido y lo Peleado*. Memórias. Santiago: LOM, p. 163. Entretanto, no mesmo livro aponta que o PC havia começado a formar militarmente seus membros em 1963, a partir dos chamados Grupos Chicos, compostos de um a cinco militantes. No total foram formados mil militantes, que aprenderam a utilizar armas automáticas, além de adquirirem conhecimento de tática e estratégia militares. Também foram constituídas Comissões de Vigilância em que participaram em média dois mil militantes que sabiam utilizar armas curtas, além de se preparar para defesa pessoal, luta de rua e custódia de locais e dirigentes partidários.

³² Marcel, Mirista, trabalhador da empresa Novic, Córdón Vivaceta. Entrevista realizada pela autora em: 24 nov. 2009.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

aos militantes filiados aos partidos políticos. Segundo os depoimentos, assim como não houve por parte dos partidos uma política de treinamento militar ampla, também não houve pressão por parte da base dos sindicatos ou dos trabalhadores para instituir tal política, antes do golpe. Recordemos a ação dos Cordones durante o Tanquetazo e o depoimento do responsável pela política militar do Cordón Cerrillos, Guillermo Rodríguez, de que, mesmo após a sublevação de alguns militares, poucos sindicatos o procuraram para começar um plano de defesa.³³ Portanto, os Cordones não se apresentavam como alternativa ao governo enquanto força militarizada, mas sim como uma base social que pressionava o governo para acelerar a implantação do programa popular, dissolvendo o Parlamento, instituindo a Assembleia do Povo e substituindo o sistema judiciário do país. Ao mesmo tempo, nos surpreende observar, a partir dos relatos, que muitos trabalhadores queriam resistir.

Assim, o dia 11 de setembro representou a continuidade da ausência de unidade política entre os setores de esquerda e o próprio presidente Allende. Cada grupo atuou de acordo com suas convicções, sem um plano unificado entre todas as forças pró-governo. Como afirma o socialista Carlos Altamirano, os partidos de esquerda nunca chegaram a um acordo para criar um comando militar unificado.³⁴ Aliás, foram raras as demonstrações de unidade ao interior da UP.

Para os participantes dos Cordones Industriales que entrevistamos, o dia 11 de setembro encerrou a fase mais participativa e democrática do país. Há um alto grau de frustração entre eles por não terem conseguido reagir energicamente frente ao golpe. Os Cordones Industriales, objetivamente, não funcionaram para isolar as indústrias ou para organizar Comitês de Defesa.

Joaquín Abarzúa Leon diz que esperava que o poder popular (trabalhadores, “pobladores” e estudantes) estivesse reunido para realizar uma grande mobilização em defesa do governo no dia 11 de setembro. Ressalta ainda que faltou aos Cordones mais tempo. Mas apesar de a vivência de três anos ter sido insuficiente, foi possível experimentar novas ações políticas: *“Pasar de un obrero explotado y sometido a ser un actor social donde decidía que hacer dentro de la industria es algo notable.”*³⁵

³³ Interessante que, após o Tanquetazo, a revista *Chile Hoy* realizou uma série de reportagens sobre as ações dos Cordones naquele dia. Em uma entrevista especial com líderes dos Comandos Comunales e Cordones Industriales foi utilizada a expressão: *“Soldados deben estar junto a sus hermanos de clase.”* Cf. *Chile Hoy*, n. 34, 1973, p. 29.

³⁴ ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota*. Chile 1970-1973. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 184.

³⁵ Joaquín Abarzúa Leon, socialista, Cordón San Joaquín. Entrevista realizada pela autora em: 28 nov. 2009.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 213-228. ISSN:1808-8031

Assim, o golpe do dia 11 de setembro interrompeu violentamente a experiência de milhares de trabalhadores chilenos e do movimento popular, que atuaram ininterruptamente na construção de novas referências estruturais e democráticas para o país. O governo popular incluiu os setores marginalizados das políticas de Estado, abriu interlocução direta com os movimentos populares e impulsionou a construção de um estado nacionalista que desconcentrava a riqueza e elegia o indivíduo como principal sujeito histórico.

O bombardeio do Palacio La Moneda e a morte do presidente legalmente constituído simbolizaram não somente a derrota da via chilena ao socialismo, mas a destruição dos mitos políticos da história do país, dentre eles o profissionalismo das FFAA e a tradição do sistema democrático.